

REVISTA

NO

PARTHENON LITTERARIO

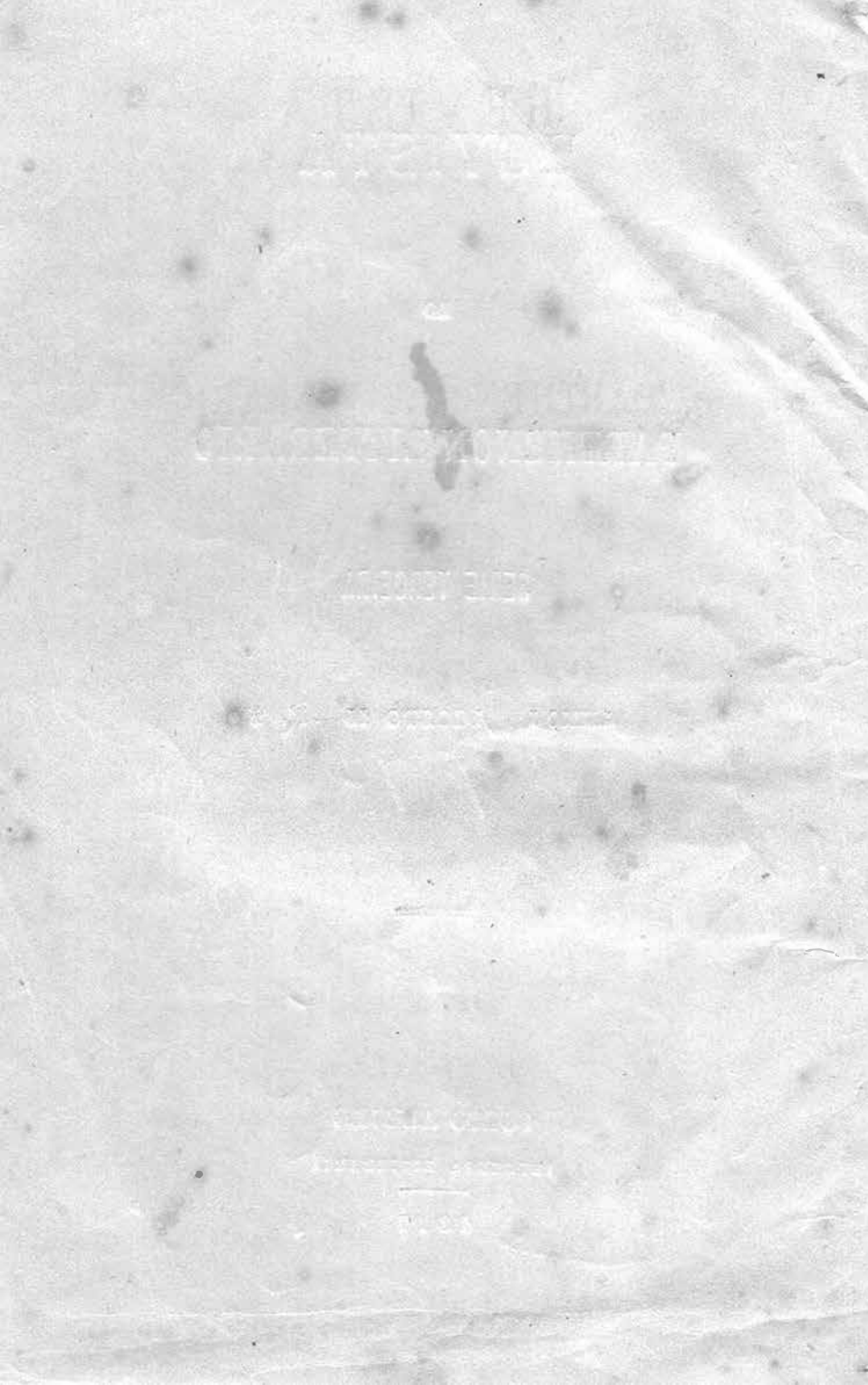
SERIE TERCEIRA

ANNO I AGOSTO 15 N. 1

PORTO ALEGRE

IMPRESA LITTERARIA

1877



REVISTA

DO

PARTHENON LITTERARIO

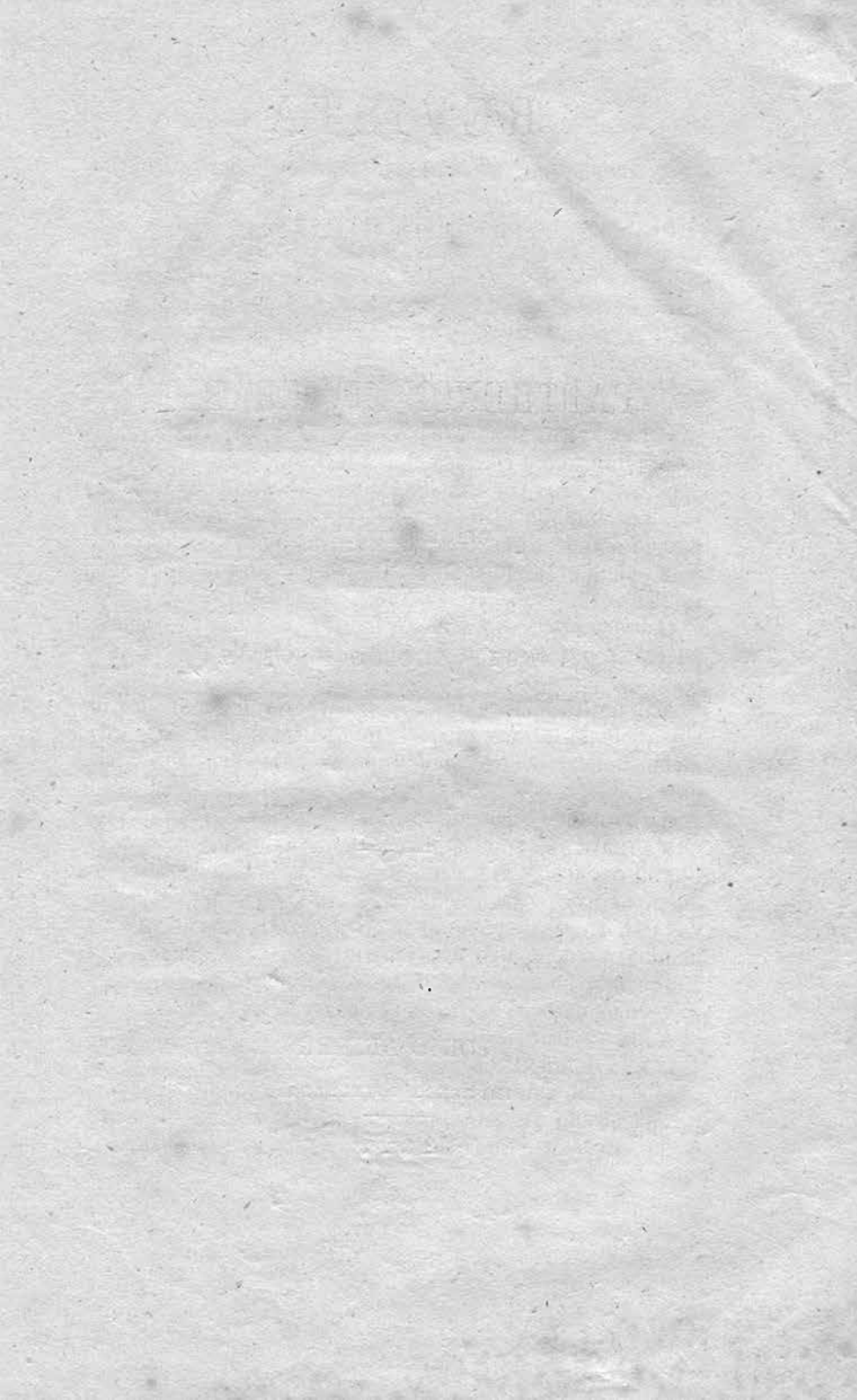
SERIE TERCEIRA

ANNO I AGOSTO 15 N. 1

PORTO ALEGRE

IMPRESA LITTERARIA

1877



INTRODUÇÃO

Outr'ora a liça das justas era o mais largo estádio para as móssees da glória.

O cavalleiro, armado de ponto em branco, vizeira cahida; embraçado o escudo, sopesada a lança, cis o heróc da epocha. A seus pés chovião laureis de triumpho, e as damas nos amphitheatros erguendo-se com as faces incendiadas de enthusiasmo, agitando os alvos lenços, saudavão o feliz paladino, almejando do intimo d'alma um só de seus sorrisos.

O braço era o soberano do mun'lo, a lança o sceptro, guerra, saque e sangue as unicas formulas de uma tal realza.

Mas nestes tempos de treva e barbaria disseminados na superficie da terra erguião-se uns edificios de architectura melancholica, contrastando com as habilações dos arredores.

Ali profundo silencio, costumes brandos, certo recólho, que tornava em solidão uma grande vivenda; aqui o retintim de armas, a pocêma sáfara e grosseira dos soldados, combates sanguinolentos, scenas de vandalismo, todos os horrores disputando-se a palma. Lá uma negra cruz dominava o complexo das construcções; cá as ameias, por onde sibilavão as balas, conduzindo a morte.

Erão os mosteiros em frente dos castellos feudaes.

A luz e a treva.

O raio da intelligencia e a mole bronca.

O cercilho garantido pela fé robusta, d'aquelles tempos, reconcentrado nas estreitas cellas, vastos mundos de medição, era então o unico depositario das conquistas da razão.

O claustro, como ninho das aves do pensamento, perscrutando o passado nos pergaminhos da Grecia, de Roma e Alexandria, ás vezes impellido por urgente necessidade reduzindo-os a palimpsestos, porque a falta absoluta da industria papyria negava-lhe os recursos para suas inspirações; o claustro, onde a par do grave estudo sobre as paginas sacras, o instincto do futuro estabelecia as bases imperfeitas da sciencia moderna, transformando-se em laboratorio, em officina, incubava o progresso no meio de povos barbaros, só respirando combates, expandindo-se no odor da carnificina, tendo por méta unica do destino humano as manifestações da força e portanto a injustiça sob todas as formas possiveis. Foi n'elle, nas vigílias aturadas, que, debaixo da cógula de estamemha, fazia-se a verdade e guardava-se como n'estas lampadas de luz inextinguivel, de que tanto fallão as tradições. Foi n'elle que Rogerio Bacon penetrou nos dominios do invisivel, e tambem n'elle que a lança do homicidio legal foi ao principio reduzida lentamente em ferro da charrua, symbolo do trabalho para a subsistencia physica e depois no cálamo, miniatura d'uma arma de morte, d'um instrumento que só destruía, conservando as priscaes feições, mas significando sómente o trabalho para a subsistencia espirital.

Entãoo pensamento começou a conquistar a soberania. Era sceptro a ponna, expressão de seu poder: amor; liberdade, paz, instrucção.

Na face do mundo forão pouco e pouco operandô-se maravilhosas transformações pela acção fecunda da doutrina na catechese verdadeiramente evangelica: Como nas laudas geologicas de nosso planeta, poderiamos então seguir passo a passo as palingenesias sociaes.

Porém do seio d'este grande apostolado, por espirito do monopolio e tendencias á dominação absoluta; no ebullir de paixões inconfessaveis que não se coadunavão, nem com a dignidade de homens que constituíão o elemento moral dos povos, nem com a missão sacerdotal de que se

achavão revestidos, surgiu a perseguição aos pregoeiros de novas ideias.

Os gemidos das victimas fizeram echo, e o clero que se meciava a sizania, começou a colher odios figadaes.

Os livres pensadores, mesmo no seio da propria igreja, como Huss, Luthero, Zwingle, Calvino, Bruno, Campa-nella, protestarão energeticamente, e crueis represalias responderão aos crimes dos algozes.

A lula perdura. Os autos de fé, as guerras religiosas promovidas em nome de Deos pela intolerancia para matar a liberdade de consciencia, espalharão o terror e o luto por todo a parte, juncarão os campos de cadaveres e em cada canto da terra erguerão sombrias necropoles.

Tristes epochas e funebres scenarios! Um falso deos devorando, como o mytho de Saturno, a seus proprios filhos! O dogma que vencera os barbaros, querendo destruir tantos annos de esforços, a sua propria obra cimentada no começo com o sangue de tantos martyres! Mas foi tarde!

O christianismo encarnado na raça européa criou raizes fundas, e o futuro em seu espadanar continuo de luzes ha de evocal-o em sua primitiva simplicidade, fazendo esboçar a seu contacto os artefactos do credo catholico. A basílica de S. Pedro que tem sido o phantasma por seculos da civilização, ha de ella propria saudar em festivo repique os ultimos momentos de uma das maiores tyrannias que tem pezado sobre o genero humano.

Entre nós, onde a indifferença religiosa tem sido o pre-nuncio de todos os males que nos affligem, não é esta a nossa magna questão. Estamos combatendo o clero, por méra imitação, para em tudo confirmarmos a autonoma-zia que dão aos brazileiros. O cancro real a roer-nos dia após dia as entranhas, a esphacelar-nos o caracter, o qual, como povo o não temos, a destruir-nos os mais santos sentimentos, os costumes; este o não vemos, somos de uma obsecação extranha e intoleravel.

Assim, em nossas campanhas, uberrimas zonas desfraldadas aos olhos do homem para as conquistas do braço e



da intelligencia, o que se nos antolha, isento o coração d'um mal entendido patriotismo que reveste sempre tórpe especulação ?

O solo inculto — e o dominio da caudilhagem !

Ahi a lança ainda recorda os primeiros periodos da idade média; raramente inclina para as metamorphoses posteriores que trazem o sócco do arado e a penna. Quando não se enrista em prol da causa nacional, o que é nobre e glorioso, vai buscar o peito de um vizinho, sobretudo se as paixões conflagram-se em debates electoraes, o que é soberanamente indigno e ignominioso.

Talvez censurem-nos a sinceridade da phrase ; talvez ponhão em duvida nosso amor ao Rio Grande, não será de admirar a increpação, quando em tudo vê-se em traços bom vivos insculpida a mentira ou a calumnia.

A epocha de corrupção que atravessamos por ventura não comporta semelhante exemplo de franqueza ; mas actualmente a verdade é um genero de primeira necessidade, em quaesquer relações. Milhares o sentem intimamente, milhares o dizem no fóro de sua consciencia, milhares desejarião repetil-o voz em grita ; e no entretanto receião, titubão e recuão, se ousão algum dia formar mentalmente o plano de atacar a parasita que nos suga a ceiva, nos definha o corpo, assoberba-nos e acabará por aniquillar-nos totalmente.

A *Revista do Parthenon*, medioere nas lutas da imprensa, representando apenas as lettras, não tendo o prestigio d'um grande nome, ao menos terá a coragem na orbita de sua existencia de contribuir para um periodo de reacção capaz de dar a nossa cara patria a prosperidade e o esplendor que merece.

Verdade — é o que queremos.

Por ella seremos um grande povo ; por ella vingaremos os obices do caminho.

Por isso, quando cada estancia constituir um nucleo agrícola, quando o livro ahi não fôr considerado uma futilidade ou méro objecto de luxo ; quando ao lado da sala

d'armas destacar a modesta bibliotheca da familia, a *Revista do Parthenon* terá palavras de enthusiasmo emanado do mesmo sentimento, que actualmente arrancou-lhe um grito de profunda tristeza e amarga decepção.

Antes de terminarmos, algumas palavras a nossas illustres patricias, a quem como sempre confiamos sob sua protecção as singelas locubrações da musa rio-grandense.

Outr'ora as damas na arena dos torneios compensavão o valor dos guerreiros que sustentavão em repto altivo sua belleza e virtudes, com as perolas do collo immaculado, os braceletes e anneis redolentes de perfumes de amor casto e pureza virginal.

Paladinos das letras, esperamos de vós, a quem associamos desde o começo á nossa cruzada redemptora, de vós, por cujos direitos e virtudes temos pleiteado ardentemente, o sorrisó de alento nas fragosidades do caminho, o olhar que instilla a coragem nos animos mais abatidos diante da improba empreza.

A lança de remotas eras escravizou-vos, a penna, este instrumento debil e fragil como a tempera feminil, como vós valendo por exercitos, pregou a vossa emancipação, abriu-vos largos horisontes e entoou fervorosos hymnos coroadando a mulher como a influencia legitima da civilisação.

Coroai-a tambem.

IRIEMA.

Agosto — 1877.

DR. TIMOTHEO PEREIRA DA ROSA

E' com profundo pezar, é ainda com o espirito assaltado que vamos escrever algumas linhas que recordarão um cidadão que honrava a sua patria.

E' difficil a missão de que nos encarregarão, e que devêra ser confiada á habil penna, e além d'isso é triste, porque a todos confrange-se o coração sempre que enluta-se uma pagina da historia do seu paiz.

Rende-se um preito, é certo, á memoria de um homem illustre, aponta-se ás gerações vindouras um exemplo digno de ser imitado, mas mesmo assim é pouco o consolo, porque a ferida é immensa.

Queremos fallar de um homem, cujo brilhante talento e grandes virtudes não serão desconhecidos; queremos fallar de um dos mais decididos paladinos das grandes idéas; queremos fallar do Dr. Timotheo Pereira da Rosa.

Vamos pois em poucas palavras e com os poucos dados que nos forão fornecidos esboçar-lhe a vida, manifestando assim tambem o muito que o consideravamos.

Em 1834 nasceu na villa de São Borja o Dr. Pereira da Rosa.

Ignoramos quaes os seus passos na infancia, mas o conhecemos na adolescencia como alumno interno em um estabelecimento n'esta capital, onde fez os seus primeiros estudos, tornando-se notável por sua intelligencia e firmeza de character.

Dos seus collegas de então ainda existem alguns que sem duvida sentirão hoje commosco a perda do amigo sincero e dedicado.

Elles que digão com franqueza quem era Pereira da

Rosa, e estamos certos de que sentido pranto lhes humedecerá as faces.

Tendo feito os seus primeiros estudos nesta cidade, partiu o Dr. Pereira da Rosa em 1853 para o Rio de Janeiro, onde matriculou-se na escola militar, tendo sido approved no primeiro anno.

Não sabemos quaes as causas que o resolverão a abandonar a carreira que encetára com tão bons auspícios; pensamos no entanto que mais se coadunava com o seu genio a magistratura, e por isso o vemos no anno seguinte cursando a faculdade de direito em S. Paulo, onde formou-se em 1859.

Ali patenteou elle, apezar da grande modestia que realçava-lhe o merito, um robusto talento, fazendo-se tambem respeitavel pelo seu criterio.

Elle não era um simples estudante, não; o que colhia o seu esclarecido espirito era dispensado aos seus companheiros, que muitas vezes o chamavão de — mestre.

As mais complicadas questões, os mais difficeis pontos de direito explicava-os elle aos que lhe pedião luz, porém fazia-o de modo que jámais pudessem suppor que considerava-se superior.

Tal foi o Dr. Pereira da Rosa nos bancos academicos.

Chegado á provincia encetou a sua vida publica exercendo o cargo de juiz municipal de S. Borja, durante o periodo de 2 annos.

Ali firmou-se mais o seu criterio, e a justiça era distribuida de accordo com a sua reclição de consciencia.

Tendo obtido no fim de dois annos demissão do cargo de juiz municipal, consagrou-se á advocacia na fronteira, e por suas virtudes e intelligencia creou um immenso prestigio.

Amado de todos, sempre dispensador de ameno e sincero trato, vio abrir-se-lhe um futuro brilhante, e dentro em pouco o povo da então villa da Uruguayana o elegeu presidente da Camara Municipal.

Foi este o seu primeiro cargo de eleição popular, o qual

desempenhou com talento e circumspecção, mostrando tino administrativo.

Em 1862 foi eleito deputado á Assembléa Legislativa Provincial, tendo merecido a honra de ser escolhido presidente da mesma.

Homem de vastos conhecimentos, orador distincto, captou logo a sympathia publica, e não ha certamente um rio-grandense que não o admirasse, que não lhe tributasse veneração.

N'esse mesmo anno mais uma prova teve o Dr. Pereira da Rosa do muito que merecia.

O Governo Imperial confiou-lhe a presidencia da provincia das Alagoas. O Dr. Pereira da Rosa não a acceitou, porém, apesar das repetidas instancias do Governo que n'elle via um brasileiro distincto e digno dos mais elevados cargos.

Reeleito deputado á Assembléa Provincial sempre que o seu partido triumphava, o Dr. Timotheo Pereira da Rosa foi sempre alvo das mais elevadas provas de apreço, por parte quer dos seus amigos politicos, quer dos seus anti-correligionarios.

Liberaes e conservadores vião n'elle um caracter puro e o consideravão.

A politica não era para elle um jogo ; era um principio que radicára-se-lhe no coração, uma crença que não podia morrer, porque não morre a consciencia.

Tal era o Dr. Timotheo Pereira da Rosa ; e pois o dia 15 de Julho de 1877 é de triste recordação para a provincia, deve sel-o para o paiz, porque marca a data em que tão grande vulto desapareceu do numero dos vivos.

Adepto da idéa liberal prestou ao seu partido importantes servicos, advogando a sua causa com o esplendor do talento de que dispunha, com a illustração que todos lhe reconhecião e com o criterioso genio de que era dotado.

A população d'esta cidade deve estar lembrada do que ultimamente fizera o Dr. Timotheo em prol da instrucção popular.

O curso nocturno provincial cahia, porque um homem houve eivado de máos sentimentos que resolvera a quéda de tão útil instituição ; e o Dr. Timotheo que sempre protegeu as causas nobres pôz-se em campo, e recorreu para os amigos e para aquelles que presão o progresso, obtendo donativos para sustentação do mesmo curso.

Este facto está na consciencia publica e bem attesta a nobreza do Dr. Pereira da Rosa.

E o *Parthenon Litterario*, que sempre rendeu culto ás grandes idéas, que sempre incensou o merito, não podia deixar, hoje que reenceta a publicação da sua *Revista*, de testemunhar tambem o seu pezar, offerecendo ao publico o retrato do Dr. Timotheo Pereira da Rosa, seu prestimoso e esclarecido socio.

Fal-o, e sobre a campa de tão notavel rio-grandense deposita uma saudade.

Eis o que a vista dos dados que nos offerecerão podemos dizer com referencia á vida do illustre cidadão, que cedo foi arrebatado á admiração publica.

A. S.

Agosto 8 de 1877.

EULUCHA

(ROMANCE)

ENTHUSIASMO

Era de tarde.

O sol no occaso doirava as magesticas paysagens da serra. Que natureza! Parece que Deos havia preparado as mais finas tintas de sua palheta para colorir as scenas maravilhosas, que se desdobravão a meus olhos!

Um mundo de novas emoções abria-se a minh'alma!

E eu que sahira de Porto Alegre com o coração quasi estéril ao desfolhar das illusões da mocidade, com as fibras intimas do sentir quasi paralygadas, com a existencia preza a tenue fio, ali, no meio da solidão, ante o aspecto selvagem da serra, ainda intacta da mão do homem, eu sentia a bafagem tepida da crença tocar-me, murmurar-me sublimes confidencias!

Eu, que fôra arrancado ás commodidades do lar e correria por desertas estradas, por immensas campanhas, para ir buscar o alento que me faltava á vida, ao sangue; eu que partira sem esperanza de cura, mas somente por satisfazer aos votos de minha familia e de alguns amigos, ó como mo-siinto modificado! Como meu ser pouco a pouco vai-se transformando aos effluvios perfumosos das matas! Como.

o pulmão absorve em longos haustos as puras virações que perpassão !

O ente cachetico que vias, ha um mez, não é o mesmo ; nova e abundante seiva, expurgada dos miasmas que por tanto tempo respirou. vigora-lhe o corpo, e vem dar á cutis, de ordinario pallida e macilenta, esses tons de rosa, gratos preludios da saúde ; raros accessos de losse vem convulsal-o, e o que outr'ora era intermittencia da alegria, é hoje um estado continuo, normal. O fastio desapareceu completamente, e nada saboreio tanto como um churrasco, sangrando, e sobre elle o indispensavel mate chimmarrão. Estou um rio-grandense ás direitas ; enfim um homem.

O somno que havia desertado de minhas palpebras, e não apparecia entre os cortinados de meu leito senão acompanhado das angustias da febre, presentemente é um bom amigo que desde o occaso do dia não me deixa, e as vezes mesmo sobre uma dura carona por colchão e um lombilho por travesseiro.

O' medicina, tu que lavraste minha sentença de morte, tu que fizeste me a victima de teus funestos prognosticos, queima os grossos volumes in folio de tua sciencia fatua, procurando ha tantos seculos a solução d'um problema... Queima-os o, se queres a fonte de Bimini, o nectar, o elixir da vida, vem busca-os na athmosphera d'estes sitios.

O' deixa, meu amigo, que eu desabafe. As pilulas de Blancard, as preparações de Bristol, Lanmann & Kemp, o earvão de Belloc, e outros mil xaropes e ingredientes hediondos, n'uma tão grande distancia ainda cauzão me horror, são os phantasmas que acabarião por matar-me, se lão depressa não investisse para a serra.

Estou além do Igahy, e aqui pensando sobre as metamorphoses que vão-se operando em mim, admiro-me de não ter procurado desde o principio o allivio a meu mal no seio da natureza, em vez de entregar-me ao abuso nocivo de medicos e medicamentos.

Ao longe, porém, recordações d'um mundo de artificio o

lentejôilas, ao longe! Além das imagens caras, outras não ; pullulem á mente.

A vida é aqui: no borbotão de luz inundando um horizonte infinito, na fragrancia das flôres, no canto dos volateis de Deos, na catadupa a soluçar monodias no êrmo, nos mysterios que pipitão no seio da creação!...

O' magnificos espectaculos! Como remoção-me a alma! Quanta poesia!

Aquella cavatina do sabiá pousado no ramo da baracatinga como arrebatada a idéa a não sonhadas regiões!

Vai, Promothêo, atado ao caucaso das cidades, onde o abutre do tedio e do scepticismo roia-te as entranhas, vai nas notas aereas do cantor plumoso até o deslumbrante solio de Deos, banha-te n'um dos seus sorrisos e volta nas azas da crença, inundado de esperanças.

— Tropeiro, detem-te e faz calar este maldito sincerro que não deixa-me ouvir o hymno da tarde na despedida da terra ao sol... E tu, sabiá, canta, canta, que dentro de mim sinto bulhar estranho entusiasmo.. Parece que a orchestra do crepusculo encontra vibrações melodiosas nas profundezas de meu pensamento.

II

O RANCHO DO LAGEADO

A noite desceu bella e silenciosa sobre a terra. O céu era uma abobada de turqueza, onde se engastavão myriadas de diamantes.

A harpa do deserto desprendia mysterioso murmurio. Eu ás vezes sentia uma emoção vaga e indecisa constringir-me a alma no meio d'aquelle scenario immenso, dominado por sobranceiros pinaros. Era por ventura a intuição indefinivel de Deos, que passava pela mente do homem,

ente fraco e contingente, no entanto molecula que contém mundos de pensamento.

No oriente, o diaphano clarão que precede á lua, começava a banhar o horisonte. Os vultos duvidosos e confusos da natureza ião pouco a pouco tomando fórmãs distinctas, e o negrume que os destacava no azul ferrete dos ares ia desfazendo-se em tons mais doces e variegados. Finalmente o pallido astro das noites surgiu. Ao contacto da luz como que a serra estremeceu, como que resooou no espaço aligeira melodia. Podia ser um engano dos sentidos, porém pareceu-me.

Como estavamos a quatro leguas da fazenda de Libindo, termo de minha viagem, resolvi proseguir avante. Felizmente o tempo era excellente, e minha enfermidade já se dava com o fresco e sereno da noite.

Não havia eu calculado todavia com os inconvenientes da subida por trechos de estrada ingremes e de difficil accesso.

Embebido em meus proprios pensamentos, entregue a seismas graves que se casavão com o cariz d'aquellas taciturnas paragens, as horas escoavão para mim inconscientemente.

Os tropeiros, meus vaqueanos e companheiros, ião adiante com a tropa de mulas, bem entabolada e affeita ás asperezas do caminho.

Tambem a não ser os sons monotonos do sincerro, quasi que nenhum outro ruido se erguia do seio das profundas solidões. Um ou outro passaro illudido pela claridade do luar e julgando dia, a estremunhar, ás vezes desprendia algumas notas isoladas que logo confundião-se com o mûr-mur uniforme do deserto.

Já tinhamos algum avanço, quando começamos a galgar uma zona de terreno mais animada; ouvia-se nas quebradas dos serros o gargoletar das cachoeiras, que, debruçando por cima dos rochedos, rolavão com surdo fracasso nas fundas cavidades das sangas e taimbés.

Então accents de penetrante tristeza vierão adunar-se,

— Que canto é este ? perguntei a um dos meus companheiros.

— E' a anhu-póca, respondeu, fitando os olhos no céu. E' meia noite, quando ella canta. E apontou-me para uma estrella, que, no zeuith, serve ao campeiro de relógio.

O solo mais a mais alcantilado e fragoso, de subito aplainou-se n'um lindissimo chapadão. Que perspectiva ! Como a pupilla sondava até a ultima dobra do horizonte !

— Estamos na fazenda ! disserão-me os tropeiros com alegria.

Mas nem sequer lhes retorqui. Outro quadro attrahiame a attenção.

Era um lagoado.

Um lago n'uma bacia de rocha viva, de aguas tão limpidas que deixavão entrever o fundo ! A brisa de leve ricava-lhe a superficie, onde o luar reflectindo, atejava um incendio, cujas chispas scintillavão no ambiente.

Detive o animal e fiquei absorto ante o novo panorama.

Uns sons que parecião d'uma guitarra ou viola ferirão-me o ouvido. Em seguida uma voz femiil, palpitante de mocidade, fresca, mimosa, de modulos suaves, fluctuou nos ares. Consegui ouvir as seguintes estancias d'umas trovas populares.

Ninguem vio o que vi hoje
 Junto a uma pitangueira :
 Uma casada chorando
 Pela vida da solteira.

Ninguem vio o que vi hoje
 Debaixo d'uma ramada :
 Uma solteira chorando
 Pela vida da casada.

Solteirinha, não te cases,
 Vai gozando a boa vida ;
 Já vi uma casadinha
 Chorar bem arrependida.

Todas as mãis que tem filhas,
 Soffrem tormentos e dôres :
 Porque não sabem se a sina
 Será d'espinhos ou flores.

As ultimas inflexões echoarão melodiosamente nos acci-
 dentes da serra, e eu estava ainda com os olhos fitos n'uma
 humilde choupana da outra margem do lageado.

Se me antolhava um mundo de encautos aquelle em que
 eu viajava. Quando supportaria eu ouvir ali accentos tão ar-
 gentinos e tão redolentes de saudade? Louras phantasias
 passarão-me pelo cerebro. Na fascinação em que me acha-
 va sob o influxo do inesperado acontecimento, até pensei
 na lenda brazileira da auyara, e por instantes esta chimera
 foi em minh'alma radicada crença. Eu estava como planta-
 do no solo. Sentia-me preso por estranhos fluidos magneticos.

Não era tudo ainda. Uma janellinha do modesto tijupar
 abrio-se logo depois do canto, e emmoldurou uma esplendi-
 da visão! . . . Que rosto angelico! Como era bello illumina-
 do pela lua! Dir-se-hia como uma aureola de luz . . .
 Que doçura de traços! Que mimo de Deos n'uma miragem
 do sertão!

Seria sonho ou realidade? Não sei . . .

Uma impertinente interjeição que soltei, esvaeceu a ap-
 parição deslumbrante.

— Patricio, você quasi que nos fez louquear? Que está
 campeando ahi? disse-me um dos meus guias, que dando
 por minha auzencia, retrocedêra.

— Ali? murmurei com a voz a tartamudear pela emo-
 ção, e indicando a casinha na margem opposta.

— E' o rancho de Lulucha, respondeu-me elle.

— O rancho de Lulucha! repeti como um echo.

Continúa.

IRIEMA.

TRIBUNA DO PARTHENON

DISCURSO PRONUNCIADO PELO 2º ORADOR APÉLLES PORTO ALEGRE NA SESSÃO MAGNA DE 18 DE JUNHO DE 1876

MINHAS SENHORAS, MEUS SENHORES.

O *Parthenon* pela voz de seus comícios delogou-me um mandato a cujo desempenho não posso esquivar-me, embora reconheça quanto sua execução é difficil ser preenechida por uma intelligencia obscura, como a que tenho — uma palavra sem echo, qual é a minha.

Se sinto-me fraco para arcar com a responsabilidade de tão espinhosa missão, se temo e vacillo no cumprimento do meu dever, é porque conheço que os triumphos intellectuaes não podem ser um patrimonio daquelles que como eu são ricos de vontade, mas pobres de talento.

E' sagrado o compromisso que me trouxe até aqui; não podia deixar de cumpril-o sem trahir a boa fé de um voto de confiança, sem desrespeitar a soberania de um mandato; mas se sinto-me abatado ante as difficuldades que tenho de superar, consola-me ao menos a convicção, de que não farei um appello em vão á vossa benevolencia, senhores, á sombra da qual peço-vos permissão para abrigar minha palavra, que só póde ser eloquente nos braços de vossa indulgencia, nos seios de vossa generosidade.

Orgão do *Parthenon Litterario* é dever meu prescripto por lei regulamentar, traçar o bosquejo historico d'esta associação que hoje commemora o oitavo anniversario de sua fundação.

Que vos direi eu demais, senhores, que já não seja um facto radicado na consciencia publica ?

Que o dia de hoje significa mais um anno de lutas titanicas alcançado á má vontade de uns e á indifferença de outros, é mais um triumpho deposto no altar da litteratura nacional, é mais um tributo civico que o patriotismo da mocidade rio-grandense sacrifica nas aras de nossa querida patria.

Se a litteratura é um dos caracteristicos salientes dos povos civilizados, a festa do *Parthenon Litterario* é incontestavelmente uma pagina de nossa civilisação, e a historia inscreve em seus fastos — 18 de Junho — como uma data nacional que não vale menos do que uma batalha, porque as festas litterarias significão victorias do espirito sobre a materia, da razão sobre a força, da instrucção sobre a ignorancia, porque as festas litterarias são batalhas do progresso que symbolisão conquistas da intelligencia, triumphos da liberdade!

Ha povos, senhores, que têm considerado a litteratura desnecessaria á vida das nações; mas contra esse preconceito absurdo levanta-se não só o passado com a eloquencia de seus louros triumphaes, como tambem o presente com o esplendor de seus gloriosos trophéos.

O seculo XIX proclamou a supremacia litteraria e escreveu no escudo de guerra de seus arrojados commettimentos uma divisa que é um dogma para a sociedade contemporanea — povo sem litteratura é povo sem civilisação.

O progresso litterario é a craveira que marca o grão de adiantamento moral e intellectual de uma nação, e d'essa grande verdade brotou uma conclusão não menos brilhante, senhores, que sustenta e afirma que a patria de uma grande litteratura é sempre tambem a patria de um — grande povo!

E o que seria o mundo sem os templos das lettras, o que seria a humanidade sem as glorias litterarias?

A humanidade é mais do que um ser physico, é tambem um ser pensante, possui uma intelligencia que vive pelo pensamento, que é a força motriz da civilisação de todos os seculos, do pensamento que é a luz progressista de todos os tempos.

O passado não seria hoje para nós, senão um castello derrocado, um monumento em ruínas, um dezereto sem vozes, e a vastidão dos continentes, a immensidade da terra não passaria de um vasto cemiterio de mumias, onde dormilão dezenas de gerações, que o sello da morte tornaria desconhecidas ao presente e ao porvir, se a litteratura pela tuba de suas musas, a poesia, a historia e a eloquencia não arrancasse do grande tumulto do preterito essa galeria de heróes, esse scenario de grandiosos feitos para expol-os ás vistas e aos victores da geração coéva, assim como um dia ha de apresentar os grandes vultos da actualidade e os gloriosos tablados da idade moderna á admiração e aos applausos das gerações futuras.

Descerrai as portas do Oriente, que foi o berço do genero humano, folhei os annaes das lettras orientaes, embocai a tuba da litteratura e em momentos vereis esse grande estadio, cuja vastidão abrange a India, a China, a Persia, a Judéa e Arabia povoar-se de sombras; é a galeria illustre dos heróes das gerações extinctas; não são sombras, senhores, são seres animados que o alaúde do poeta accorda no tumulto, que o estylete da historia rasga a mortalha, enquanto a musa da eloquencia entôa a oração funebre, apregoando ao mundo que essa multidão de phantasmas são os heróes do passado que levantão-se do sepulchro para entrarem nos dominios da posteridade!

Na India — Valmiki descanta no Ramayana o heroismo do conquistador que subjugou a parte meridional do Indostão e Rama, o heróe das legendas indianas ao passado sobrevive na epopéa, lançando um cartel de desafio ás intemperies do tempo, ao olvido dos seculos.

Na Persia — Ferdusi, rasgando a poeirenta cortina de trinta e sete seculos, canta e chora, ri e suspira, soluça e geme no alaúde épico a miseria e a opulencia, a bravura e a covardia, a baixeza e a grandeza dos reis de sua patria.

Na China — vasta arca que fluctua n'um oceano de isolamento, a musa da eloquencia desfere ainda hoje harmonias nos Kings que é o conjuncto de brilhantes reliquias

de sua velha litteratura que o genio de Confucio reunia com mão de mestre em magnífica collecção.

Na Arabia — a litteratura consiste na poesia ; se não registra epopéas grandiosas, a poesia arabe na inspiração é arrojada como a grandeza de seus desertos, é sublime como a suavidade de seus oásis, canta com amor a liberdade que é um direito e glorifica com entusiasmo o valor dos bravos que é uma virtude.

A imaginação arabe na immensidade de seus desertos não podia ficar inactiva, tinha necessidade de encordoar a harpa da solidão para adoçar com seus harpejos poeticos a natureza rude e selvagem de sua patria. Seus primeiros ensaios, seus primeiros certamens que tiveram por palco as feiras de Mecca mais tarde desenvolverão-se em fascinantes scintillações, quando a voz do propheta reunio as tribus esparsas ao verbo de sua palavra e em nome de Allah mandou-as á conquista do mundo. A aguia do deserto depois de marchar de victoria em victoria, querendo contar os triumphos esplendidos, as façanhas dos bravos de sua crença, levantou nas terras conquistadas dois templos augustos ás letras, e trocando a espada do guerreiro pelo bandolim do poeta foi nos paços do Bagdad, nos alcaçares de Cordova victoriar as glórias do berço natal nas cordas da harpa nacional.

A poesia arabe cantou com effusão de entusiasmo a patria que é fascinante como as miragens de seus areaes ; cantára com óstro caloroso como o fogo da canicula de seu céo ardente ; cantou a patria cujo valor é forte como a lufada do simun de seus desertos ; sua hospitalidade que é bella como a face verdejante de seus oásis, fecunda como o orvalho abundante de suas noites ; cantou o odio de seus bravos que é selvagem como o aspecto de sua natureza, terrivel como seus ventos abrazadores ; cantou seu berço natal perfumado pelo incenso e a myrra de seu solo e engrandecido pelo nobre e extremado amor da liberdade de seus filhos.

Continúa,

CHRONICA

Q' que é uma chronica ?

Uma autoridade scientifica affirma que é a narração dos successos de uma epocha : a chronica de uma revista dedicada ás letras deve por conseguinte ser a narração dos acontecimentos litterarios de sua epocha ; até aqui nada de novo : mas escrever uma chronica sobre successos litterarios em uma terra como Porto Alegre, onde a litteratura arrasta uma existencia como a das plantas exoticas, é difficil se semelhante pretensão não fosse filha do dever, a temeridade de tão grande audacia, por certo, merecia severo castigo.

Em vista de tamanha esterilidade de factos n'esta quinzena, ante a situação em que nos achamos, só nos resta parodiarmos a phrase de Balzac : « Chronique qui me veux-tu ? »

PEDRO AMERICO. — Sejamos sinceros... a posteridade é sempre injusta no julgamento que formula sobre o tumulo das gerações passadas, demasiadamente indulgente para comsigo é summamente estygnatisa para com os outros ; haja vista, a opinião que condemna e estygnatisa a conducta dos contemporaneos de Homero e Camões ?

Que indifferença ! que ingrãtidão ! E' o brado geral de uma indignação mal contida...

O mais bello florão da poesia epica na antiguidade viveu esmolando de cidade em cidade e morreu de fome ante a estatua muda da caridade grega.

O grande eantor da gloria maritima e militar de Portugal, embora fosse honrado com o nobre titulo de — Principe dos poetas de seu tempo, não passou de um principe — que morreu na miseria.

Na verdade foi grande gloria, mas triste sorte...

No emtanto alguma cousa d'esculpa a ingrãtidão dos contemporaneos dos laureados autores da Illiada e dos Lusíadas ; parece que era convicção profunda d'esses tempos que o homem de genio não tinha — estomago.

Desgraçadamente para os dois poetas ainda não tinha nascido Buffon para protestar contra semelhante principio contrario á conservação do reino animal ; nem alguém jámais tinha ousado formular esse grande axioma da vida pratica dos tempos modernos — o estomago do genio é tão exigente como o do bruto.

A esse respeito cremos que o Brazil pouco differe da heroica Grecia e do glorioso Portugal. Ha muito, em nosso paiz o desamor á tudo que é grande e nobre tornou-se um facto tão natural e vulgar que ninguém já estranha a indifferença que mata no embryão as mais bellas creações da intelligencia nacional.

Suggere-nos estas considerações o triste e repugnante factó succedido na corte com o illustre pintor Pedro Americo, factó tão vergonhoso para o governo que o praticou, como para o paiz que o consentio.

Se a Europa culta não estendesse os braços a Pedro Americo, a sorte do illustre artista em sua patria seria mais bella do que a de Homero e a de Camões?

CONCERTO. — Deve ter lugar na noite de amanhã, no salão da «Soirée Porto-Alegrense,» o concerto dado pelo Sr. Mendanha e cujo producto é destinado á um acto de beneficencia.

O programma d'esta festa artistica não podia ser melhor escolhido; e além d'isso o concerto é uma festa que reúne o util ao agradável.

THEATRO. — No momento em que escrevemos esta chronica, annuncia a imprensa diaria a estréa da funambula Maria Spelterini para o dia 12 e o spectaculo da «União Militar» para o dia 14 do corrente.

A illustre heroína do Niagara chegou ás plagas do Guahyba precedida de uma fama que para julgar-se de seu merecimento real é necessario seguir-se a risca o conselho de S. Thomé: vér para crer.

Só assim se poderá apreciar até que ponto tem a Sra. Spelterini direito á admiração que o entusiasmo de muitas platéas ligou á seu illustre nome.

— A «União Militar» leva á scena o drama Ghigi do festejado poeta portuguez Gomes de Amorim.

A «União» e a «Luso-Brasileiro» são duas associações compostas de amadores que com tenacidade e intima fê trabalhão e lutão em prol da abandonada causa da arte dramatica.

Valha-nos ao menos isso e sirva-nos de consolo em face da lastimosa degradação a que chegou o theatro brasileiro.

SARÁO LITTERARIO. — Deve realizar-se no dia 14 o saráo do «Parthenon», correspondente ao mez de Julho.

Occupá a tribuna o Sr. Frederico Villeroy que escolheu para these de sua preleção — A missão da mulher.

Não só os precedentes litterarios do orador, como tambem a illustre commissão de saráo encerrão uma garantia sufficiente para formular-se um juizo sobre esta festa; e sem medo de errar não receiamos avançar que o saráo deve estar esplendido.

REVISTA. — Este numero que abre a terceira serie da «Revista» traz um esboço biographico do Dr. Timotheo acompanhado do retrato do mesmo; estó factó, podendo fazer suppôr, em vista dos precedentes da «Revista», que esta contrahe para com seus assignantes o compromisso de dar um retrato em cada numero, obrigamos á declarar desde já que actualmente tal intenção não tem esta redacção e que só o fará mais tarde no caso em que a aura popular bafeje com seu halito vivificante o generoso empenho da mocidade pugnano pelo desenvolvimento das letras patrias.

Ao emprehender a publicação da terceira serie da «Revista», o «Parthenon» que ha longo tempo tinha despiço a sua armadura de guerra, deixando deserto o proscenio de seus triumphos passados,

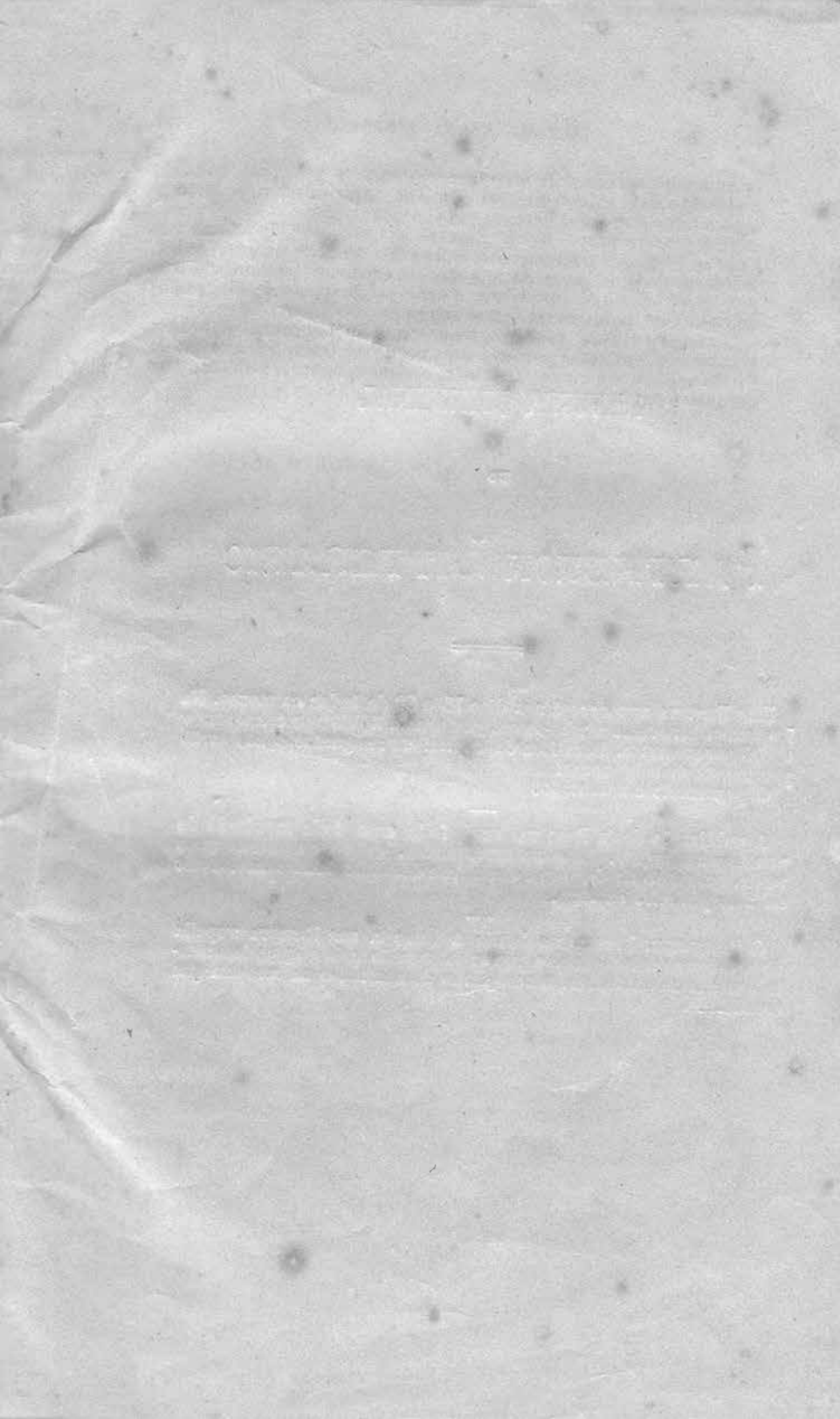
retoma hoje seu posto de honra na imprensa da provincia, confiado e alentado da fé ardente que esta serie ha de significar uma victoria esplendida sobre a indifferença e o obscurantismo.

Se a palavra prophetica de Laurent não erra quando afirma que «são as idéas que governão o mundo» não se pode duvidar do brilhante exito que aguarda a «Revista» em sua terceira romaria, porque as idéas que representa e defende são as do seculo, são as do progresso, porque suas armas são as da intelligencia.

LULCHA. — Este romance reaparece na imprensa, porque o «Guarany», em cujas paginas appareceu este trabalho litterario de «Iriêma», em sua curta existencia, apenas chegou á publicar tres ou quatro capitulos.

À PELLÉS PORTO ALEGRE.

10 de Agosto de 1877.



REVISTA QUINZENAL

DO

PARTHENON LITTERARIO

Esta REVISTA apparecerá nos dias 15 e 30 de todos os mezes. Na Imprensa Litteraria recebe-se assignaturas á 3\$000 por trimestre e 6\$000 por semestre. Para fóra da capital as assignaturas não serão por menos de seis mezes.

O pagamento é adiantado.

A publicação desta REVISTA será feita com toda regularidade nos dias aprazados. Este numero, porém, deve ser recebido mais tarde, em razão da demora do retrato e das difficuldades inevitaveis de uma primeira entrega.

O PARTHENON LITTERARIO dando á lume a sua REVISTA appella para todas as intelligencias que se interessão pelo engrandecimento das lettras nacionaes, no empenho de auxilial-o na romaria que reenceta.